



U.S. Army photo

"DIA-D"

Operação Overlord

Considerações históricas para modelos e dioramas

Autor: John Guilmartin

Tradução e Adaptação: Ney Le Masson Pinto

O "Dia D – 06 de junho de 1944", foi a maior e a mais complexa operação militar anfíbia da história.

O que poucos se lembram foi que o estabelecimento da data para o *Dia D*, demandou gigantesco planejamento envolvendo diversos fatores, tais como:

- O sucesso ou fracasso do desembarque dependia da disponibilidade de novas táticas e de novos armamentos;

- Nenhuma outra operação de importância capital durante a 2ª Guerra Mundial havia considerado pontos tão relevantes e sobre os quais os comandantes contavam com pouco ou nenhum controle, tais como: as mudanças das estações, as condições do tempo, as

marés e as fases da lua.

-A resistência que seria imposta por um inimigo perigoso.

Um dos pontos de suma importância era a questão de como abastecer a força invasora após o seu desembarque. A solução lógica seria a captura de um porto marítimo, meta essa que deveria ser enfocada como objetivo primário. No entanto, quaisquer ilusões quanto aos graus de dificuldades que poderiam surgir na captura de um porto marítimo foram devidamente avaliadas após o desastroso desembarque no porto francês de *Dieppe* no dia 19 de agosto de 1942. Esta operação de desembarque envolveu grande parte de uma *Divisão*

Canadense e diversos *Batalhões de Comandos*. Não obstante o fato dos defensores terem sido surpreendidos, os alemães aniquilaram a maioria dos canadenses, capturaram considerável número de soldados e obrigaram o restante a empreenderem uma retirada desordenada e abandonarem armas e equipamentos na praia. A batalha aérea travada nesta operação também foi favorável aos alemães, tendo a "*Luftwaffe*" arrebatado mais vitórias do que perdas sofridas. Contudo, deste sangrento episódio e de enorme confusão, surgiram lições tão importantes que muitos analistas acreditam que mais tarde contribuiram, em muito, para o sucesso

do Dia D. Vejamos alguns ensinamentos:

- Os portos eram facilmente defendidos contra assaltos vindos do mar e só poderiam ser conquistados por terra;
- A superioridade aérea era essencial;
- Também eram indispensáveis barcos especializados e aptos para o desembarque rápido da infantaria e de tanques em praias não preparadas;
- A artilharia de costa alemã teria que ser preliminarmente neutralizada.

As lições de Dieppe: Seguindo a risca as lições duramente ministradas em *Dieppe*, os britânicos projetaram barcos especializados e especiais para o desembarque de infantaria: *LCI* – “*Landing Craft Infantry*” (Barco para Desembarque de Infantaria) e ainda os *LST* – “*Landing Ship Tank*” (Navio para o Desembarque de Tanques). Considerando a gigantesca capacidade industrial dos EUA e ainda o fato de que os estaleiros britânicos já operavam no limite máximo de produção, a grande maioria dos barcos foi construída nos EUA.

Os britânicos também desenvolveram uma família de veículos blindados especiais, os denominados de “engraçados” (*funnies*), sendo que suas funções eram de proporcionar apoio inicial para as tropas de assalto nas praias. Tais veículos incluíam “*Shermans*” transformados em anfíbios graças a uma saia inflável e uma hélice para propulsão na água; tanques lança chamas e de detonação de minas terrestres, tanques esses baseados no chassis do *Churchill* e no *AVRE* – “*Armored Vehicle Toyal Enginners*” (Veículo blindado dos Engenheiros Reais) cuja torre do canhão fora removida e substituída por um tubo de morteiro capaz de lançar uma enorme carga destinada a destruir casamatas reforçadas.

A invasão teria que ser efetuada em praias firmes e razoavelmente abrigada e das quais as forças invasoras poderiam receber suprimentos pelo período de 90 dias, prazo esse considerado como necessário para a captura de um porto e a colocação do mesmo novamente em condições operacionais. Assim, eram recomendadas as praias com escarpas e encontradas na Normandia, embora mais desafiadoras e desvantajosas em relação as praias com suaves aclives de areia encontradas no *Passo de Calais*.

Os alemães estariam menos propensos em acreditar na possibilidade da escolha da Normandia como palco para a invasão.

A questão da melhor época para a invasão era preponderante. Mares bravios e tempestades condenavam uma invasão no inverno. O início da primavera proporcionaria maior tempo para a corrida contra a Alemanha antes da chegada do inverno. O período do inverno reduziria a eficácia da aviação nas operações

preparatórias para a invasão. Em contrapartida, retardando a data da invasão resultaria na vantagem de permitir que o poder aéreo aliado tirasse vantagem total do clima favorável da primavera e maior número de horas com clareza, uma vantagem julgada muito boa para não ser aproveitada.

A data exata seria estabelecida também pela necessidade de contar com a maré alta, para assim permitir que as tropas desembarcassem mais perto de seus objetivos e ainda num período de lua cheia para possibilitar o desembarque em massa de tropas aero transportadas.

A reunião de todas essas considerações e necessidades apontaram para diversas janelas de oportunidades em maio e início de junho.

O enigma de Calais: As considerações essenciais apoiando estas decisões eram, naturalmente, visíveis aos alemães; uma realidade que apresentava simultaneamente problemas e oportunidades. Os aliados julgavam que os alemães, com reduzidas experiências em invasões anfíbias, iriam superestimar a importância da proximidade geográfica e assim, tal fator passaria a desempenhar a condição de papel principal no planejamento das defesas alemãs. Acreditando corretamente, como mais tarde foi confirmado, os alemães estariam aguardando a invasão no *Passo de Calais*, pois representava a menor distância entre os pontos de invasão e o coração estratégico do “*Reich*”, sendo que os aliados não pouparam esforços para reforçar esta crença alemã. Entre todas as providências aliadas nesse sentido, a que mais se destacou foi a criação do 1º *Grupo do Exército dos EUA*, um agrupa-

mento de forças inexistentes e supostamente baseadas diretamente em frente ao *Passo de Calais*, sendo comandada pelo *General George Patton*, comandante respeitado pelo alto comando da *Wehrmacht*. Os aliados passaram a operar transmissores e receptores de rádio e enviavam falsas mensagens e referências até mesmo em mensagens verdadeiras, fazendo com que a força inexistente do *Gen. Patton* se transformasse numa realidade aos olhos dos alemães, resultando assim na manutenção das reservas alemãs na região do *Passo de Calais*.

Nenhum porto de refugio: Os planejadores aliados também buscaram uma forma de operar sem a existência de um porto durante os primeiros dias cruciais da invasão. Uma importante parcela da solução para este problema consistia na construção de dois enormes portos artificiais que receberam a denominação de “*Mulberry*” (amoras). Tais portos eram constituídos de caixões de concreto, posteriormente rebocados até um ponto próximo a área do desembarque, unidos uns aos outros e afundados para servirem de base para o cais e onde os navios poderiam atracar e descarregar. Este cais foi uma das mais importantes lições aprendidas no desembarque em *Dieppe* e deveria desempenhar importante papel no *Dia D*. Quando o *Gen. Dwight D. Eisenhower*, em dezembro de 1943 foi nomeado Supremo Comandante Aliado, este planejamento se encontrava bem adiantado. Os assessores de *Eisenhower* aprofundaram tais planos e fizeram significativas alterações. A alteração mais significativa foi a majoração no tamanho das forças

Soldados socorrem companheiros na praia de “Utah”- U.S.Army photo





Tropas e veículos americanos a espera do embarque para a invasão da França. (U.S. Army photo)

de assalto que originalmente seria formada por três divisões de infantaria e três brigadas aerotransportadas. Tal alteração também foi energeticamente defendida pelo *Marechal de Campo Sir Bernard Montgomery*, nomeado para comandar a força de invasão. O plano final determinava um assalto ao alvorecer por uma divisão canadense, duas divisões americanas e duas britânicas ao longo de cinco praias localizadas entre os *Rios Orne e Vire*. Estas praias, a partir do leste para o oeste, receberam os seguintes códigos: "*Sword*" - 3ª Divisão de Infantaria (britânica); "*Juno*" - 3ª Divisão de Infantaria (canadense); "*Gold*" - 50ª Divisão de Infantaria (britânica); "*Omaha*" - 1ª Divisão de Infantaria (americana); "*Utah*" - 4ª Divisão de Infantaria (americana).

Blindados modificados: Cada uma das divisões da Comunidade Britânica seria acompanhada por uma brigada de blindados modificados, os "engraçados". Adicionalmente, quatro batalhões de comandos e uma brigada de serviços especiais desembarcariam na primeira leva com o propósito de neutralizar alvos críticos. O *General Omar Bradley*, comandando as duas divisões americanas, optou por um assalto direto efetuado pela infantaria e apoiados somente por tanques anfíbios *Sherman* e um batalhão *Ranger*, sendo esta última unidade destacada para neutralizar a bateria de "*Pointe du Hoc*", situada entre a praia "*Omaha*" e a "*Utah*".

As praias, no sentido de leste para o oeste, seriam defendidas pelas seguintes unidades alemãs: Divisão 716ª, Divisão 352ª, Divisão 91ª e ainda a Divisão 709ª. Excetuando a 352ª Divisão, estacionada em posição oposta a praia de *Omaha* e que não havia sido localizada pelo serviço de inteligência aliada, as demais eram divisões estáticas de segunda classe e apoiadas pela 21ª Divisão Blindada em posição de reserva e próxima a cidade de *Caen*, entre as praias de "*Sword*" e "*Juno*".

O assalto anfíbio estava programado para ser iniciado entre as 6:00 e 7:30 horas, precedido pelas descidas em pára-quadras da 6ª Divisão Britânica Aerotransportada e pelas 82ª Divisão Americana Aerotransportada e pela 101ª Divisão Americana Aerotransportada. As descidas dos pára-quadristas seriam reforçadas por tropas de assalto transportadas em planadores e reabastecidas após a alvorada. Deveriam isolar as praias com a captura das travessias do *Rio Orne* ao leste e do *Rio Vire* no oeste.

A majoração no tamanho das forças de assalto serviu como fator de complicação para o processo de planejamento. Contudo, *Hitler* e o seu Alto Comando haviam se atrasado em considerar a possibilidade real de ocorrer uma operação de grande porte para o assalto contra o continente europeu.

Em 3 de novembro de 1943, numa *Diretriz do Führer*, *Hitler* indicava que repelir uma invasão aliada era fator de prioridade máxima da *Wehrmacht*.

Rommel assume: O Comandante em Chefe Alemão no oeste era o *Marechal de Campo Gerd von Rundstedt*, um verdadeiro soldado da velha escola. As forças em oposição a invasão aliada seriam conduzidas pelo *Marechal de Campo Erwin Rommel*, que após uma curta visita na qualidade de inspetor geral de *von Rundstedt*, recebeu o comando do Grupo de Exércitos B que controlava as forças terrestres da Alemanha desde o *Rio Loire* até a fronteira holandesa. *Rommel* trouxe consigo um sentido de urgência que se manifestava na crescente atenção dispensada em relação às defesas das praias, particularmente quanto as minas e obstáculos contra embarcações. Os obstáculos, denominados "*aspargos de Rommel*" eram tão numerosos, que segundo *Rommel*, obrigariam os aliados a desembarcarem durante os períodos de maré baixa. *Rommel* também trouxe consigo um estudo sobre o poderio aéreo aliado que o colocou em desacordo em relação ao seu superior. *Rundstedt* desejava segurar as suas reservas móveis até o momento em que os aliados já se encontrariam nas praias e somente então desfecharia um contra ataque concentrado. *Rommel* estava convicto que as reservas alemãs ficariam imobilizadas face aos ataques aéreos quando os aliados já estivessem nas praias e que a única forma de derrotar a invasão seria dar combate antes, durante e imediatamente após os desembarques. A disputa entre os dois *Marechais* acabou chegando ao conhecimento de *Hitler* e as consequências foram desastrosas para os defensores.

A divisão dos blindados: Foi obtida uma solução de compromisso segundo a qual *Rommel* receberia metade das forças blindadas (*Panzer*), bem como a metade das Divisões Blindadas de Granadeiros. *Rundstedt* ficaria com a outra metade na reserva. Segundo a posição defendida por *Rommel*, esta solução já era bastante ruim. Acabou ficando pior quando *Hitler* reservou para si a autoridade para empenhar tais reservas nos combates.

As táticas defendidas pelos *Marechais Rommel* e *von Rundstedt* acabaram se revelando verdadeiros fracassos. *Rommel* teria sido derrotado, mesmo colocando os *Panzer* nas praias, visto que tais armamentos se transformariam em presas fáceis para a artilharia naval. Tal fato já havia sido plenamente demonstrado por ocasião das invasões aliadas na Itália e onde os blindados alemães sofreram derrotas retumbantes impostas pelas artilharias dos navios destróieres. *Rommel*, face ao longo tratamento médico e hospitalar após sua retirada dos desertos no norte da África, não teve conhecimento

detalhado dos erros e dos acertos em defesas contra invasões sem o apoio aéreo. As reservas de *von Rundsted* não conseguiram se deslocar em face de total superioridade aérea dos aliados naquele teatro de operações. *Rundsted* lutava uma guerra segundo os preceitos da antiga escola militar e pouca ou nenhuma importância atribuía a capacidade da "águia alemã".

Assim, a única possibilidade de uma vitória alemã, teria sido a *Luftwaffe* derrotar a aviação militar aliada e assumir o domínio do espaço aéreo, condição essa totalmente absurda, visto a realidade da Alemanha.

As preparações aliadas dos aliados para o *Dia D* foram realmente iniciadas com a "grande semana" em fevereiro de 1944. Naquela data, enormes assaltos contra alvos situados bem no interior do 3º Reich foram efetuados por quantidades nunca anteriormente vistas, de aviões bombardeiros da 8ª e 15ª Forças Aéreas dos EUA. Esta esquadra invasora obrigou os caças da *Luftwaffe* a dar combate sobre a Alemanha e foram derrotados pelos pilotos dos caças americanos P-38, P-47 e P-51. Por volta de 1º de abril, as forças aéreas estratégicas dos aliados passaram a ser subordinadas diretamente ao controle operacional do Gen. *Eisenhower*, sendo tal providência destinada a apoiar diretamente as operações de "Overlord". Naquela ocasião, qualquer ponto da "Fortaleza Européia" estava ao alcance operacional dos bombardeiros aliados, os quais não encontravam oposição dos caças alemães. Os aliados também haviam observado que a mobilidade alemã era extremamente dependente do sistema ferroviário e, conseqüentemente passaram a focar a malha ferroviária francesa. Os ataques eram orquestrados no sentido de apoiar falsas operações, bastando observar que maior número de bombas eram lançadas contra objetivos ferroviários localizados a leste do *Rio Sena* em relação aos lançamentos de objetivos similares localizados a oeste do mesmo rio. A disciplina alemã relativa às marchas e camuflagens eram excelentes e as Divisões do Exército do Grupo B sofreram danos mínimos, porém os pressentimentos de *Rommel* quanto a superioridade aérea dos aliados acabou se revelando uma verdade inquestionável.

Por ocasião do *Dia D* o sistema ferroviário no noroeste da França se encontrava em ruínas e assim sendo, os reforços teriam que realizar as suas aproximações finais por via rodoviária. Tais deslocamentos se transformavam num gigantesco problema enfrentado pelas divisões de infantaria que se debatiam com artilharia tracionada por cavalos e, adicionalmente enfrentando a adversidade imposta ao serviço de logística.

Nesse interim, *Eisenhower* havia estabelecido que o *Dia D* seria no dia 5 de junho e assim, a enorme armada de barcos de desembarque, navios de apoio e belonaves partiram protegidos pela escuridão e pelo bloqueio dos radares ainda existentes do inimigo. Contudo, com o surgimento de forte tempestade no Atlântico, esta operação foi cancelada. A medida que a armada retornava para o porto de origem, *Eisenhower* analisava as possíveis opções. Nesta tarefa, o Comandante Supremo contou com a assessoria do Capitão de Agrupamento *Stagg da RAF*. Desenhando nos relatórios criptográficos acerca do tempo e remetidos por observadores meteorologistas situados no meio do Atlântico e na superfície congelada da Groelândia, o Capitão *Stagg* previu uma melhoria do tempo para o dia 6 de junho. Às 4:15 horas do dia 5 de junho, *Eisenhower* deu, novamente, a ordem de partida da armada. A Alemanha não contava com meios para efetuar a previsão do tempo vindas do oeste e assim, os meteorologistas continuaram emitindo boletins indicando mau tempo. Desta forma, *Rommel* decidiu ir visitar a sua esposa em *Ulm* na Alemanha.

A invasão teve início logo após a meia noite com os pára-quadistas da 6ª Divisão Aerotransportada, a 1:30 da madrugada desceram os soldados da 82ª Aerotransportada, e os da 101ª chegaram às 2:30 horas. A descida dos britânicos foi boa e as tropas rapidamente capturaram as pontes sobre o *Rio Orne*. Contudo, o lançamento dos americanos ficou espalhado por uma enorme área, visto que as tripulações das aeronaves americanas eram menos experimentadas e ainda face ao considerável fogo antiaéreo. Não obstante as correntes marítimas que levaram os barcos de desembarque de tropas para longe das praias originalmente previstas, os soldados da comunidade britânica progrediram de forma satisfatória. A oposição alemã foi relativamente fraca e os blindados especiais ("os engraçados") funcionaram de acordo com o previsto, sendo que por volta do amanhecer tanto os britânicos como os canadenses haviam consolidado posições. Embora o mar com ondas altas levaram muitos tanques *Sherman* para o fundo, as operações alcançaram bons resultados na praia *Utah*. No caso da praia de *Omaha*, a situação beirou o desastre total. Das casamatas e trincheiras localizadas nas posições elevadas situadas a frente da beira mar ou mais para a retaguarda, as metralhadoras alemãs e a artilharia causavam enorme mortandade. Afundavam barcos de desembarque de tropas, e ainda dizimavam as

formações de assalto por ocasião do início das corridas para buscar proteção junto aos barrancos. As perspectivas eram tão sombrias que os comandantes chegaram a considerar, por algum tempo, a possibilidade de desviar as tropas que estavam a caminho para mudarem o rumo e seguirem para as praias de *Utah*. Contudo, com a madrugada, pequenos grupos de americanos foram, de forma gradativa, subindo as encostas e aniquilaram as casamatas, porém sempre auxiliados pela artilharia dos destróieres. As posições alemãs foram neutralizadas uma a uma. Os "Rangers" escalaram os despenhadeiros de "Point du Hoc" para neutralizar a bateria existente naquela posição e ao meio dia, o pior da crise já havia terminado.

As primeiras respostas dos alemães foram meras tentativas. *Rommel* não se encontrava no seu posto de comando, o "Führer" dormia e segundo ordens não deveria ser acordado e, para agravar ainda mais o quadro, a situação ainda não estava clara. Somente às 18:00 horas é que a 21ª Divisão Panzer conseguiu alcançar o flanco oeste da praia *Sword* e prontamente atacados pelos tanques "Shermans Firefly", tanques esses armados com um canhão de 17 libras e de elevada velocidade do projétil. As blindagens dos tanques alemães só podiam ser realmente perfuradas pelos "Fireflys". Com a metade dos tanques destruídos, os alemães recuaram para as imediações de *Caen* e assim perderam a melhor oportunidade de repelirem a invasão aliada.

O que deu certo para os aliados? A data originalmente prevista para a invasão seria 1º de maio, porém por uma série de razões, a data passou para 5 de junho. Contudo, por ocasião da invasão, os excelentes planejamentos acabaram rendendo bons dividendos e muitos fatores trabalharam em benefício dos aliados, ou sejam:

Superioridade aérea: O controle aéreo sobre as praias nunca foi perdido, ocasionando profundas conseqüências para o *Dia D* e para a campanha da Normandia.





Interdição aérea: O emprego do poderio aéreo para isolar as praias invadidas e ainda para impedir a movimentação das reservas alemãs foram extremamente bem sucedidas. Em adição aos caças britânicos e caças bombardeiros americanos, os bombardeiros médios e pesados também foram empregados contra alvos de transportes terrestre, pontes, entroncamentos ferroviários e depósitos de combustíveis. É verdade que os únicos alvos significativos que deveriam ser interditados e que não foram considerados pelos aliados se referem ao tráfego de barcas e de barcos no *Rio Sena* e tributários. Esta falha no reconhecimento da importância desta interdição se fez sentir nas dificuldades que as forças britânicas e inglesas experimentaram nas suas tentativas de rompimento das linhas.

Meteorologia: As previsões do tempo dos aliados tiveram um enorme impacto sobre a campanha. A previsão para a data de 5 de junho mostrou a *Eisenhower* a existência de uma "janela" para a oportunidade, data essa baseada num dado não disponível para os alemães e que se transformou num ponto de suma importância para o *Dia D*.

Assalto das tropas aerotransportadas: Com o comprometimento de uma Divisão britânica e duas americanas, esta operação aero-transportada passou a ser a maior então efetuada. O objetivo destas tropas era proteger as unidades aliadas invasoras desembarcadas nas praias de

um possível contra ataque alemão, sendo que os resultados alcançados por tais tropas de pára-quedistas se revelaram como um feito de extraordinário sucesso. A maioria das tropas americana desceu longe dos alvos estabelecidos, porém tal acidente acabou contribuindo, em muito, para prejudicar a eficácia dos alemães, pois assim ficaram sem saber ao certo quais eram os objetivos visados. Por outro lado, a captura pelos britânicos das pontes sobre o *Rio Orne* se revelou como uma das clássicas operações de tropas aerotransportadas.

Assaltos sobre as praias: O plano estabelecido dependia da habilidade dos aliados em movimentar homens, máquinas e equipamentos nas praias e, de forma rápida, para além dos pontos de desembarques. Não obstante as sérias dificuldades impostas pelos ventos e ondas, pelos obstáculos submersos de *Rommel* e ainda pela tenacidade da resistência alemã, o plano funcionou.

Blindados especializados da Inglaterra (os engraçados): "Os engraçados" desempenharam um papel significativo em auxiliar os britânicos e os canadenses em prosseguir rapidamente para o interior. Os americanos usaram somente o "*Sherman*" anfíbio, o menos bem sucedido dos "engraçados". Muitos destes tanques acabaram atolando nos pântanos ou indo ao fundo antes de alcançarem as praias, tendo como conseqüência as pesadas baixas impostas à infantaria americana e ainda a quase total derrota na praia de

Omaha.

A logística para além das praias:

Quando os aliados já haviam ultrapassado a orla marítima e se encontravam mais para o interior, as tropas só conseguiram sobreviver e se transformarem em vitoriosas graças aos amplos estoques de suprimentos de munição, combustível, comida, itens médicos, peças sobressalentes e outras necessidades que foram também levadas para o interior. Tais transportes continuaram por bom tempo, mesmo após a captura do porto de *Cherbourg* em 27 de junho. Os dois portos artificiais ("*Mulberry*") que estavam a serviços dos britânicos e dos canadenses foram destruídos por uma tempestade, porém o que abastecia as tropas americanas continuou em serviço e passou a ser um elo vital. O sucesso americano em organizar a movimentação dos suprimentos para as frentes de combate utilizando comboios de caminhões, possibilitou o rompimento definitivo das linhas inimigas. Os comboios receberam a denominação de "*Expresso Bola Vermelha*" e corriam em sentido único, num circuito contínuo, proporcionando os meios para o rompimento em *St. Lo* e os desdobramentos subsequentes.

Ataques contra a infantaria e blindados: Os americanos inicialmente sofreram choques, porém rapidamente aprenderam. Nada ficaram a dever em termos de realizações em relação aos britânicos e canadenses, sendo que a iniciativa e inovações dos americanos se

transformaram em fatores decisivos e sem paralelo. Os pelotões alemães, com duas ou três metralhadoras MG 42, estavam dotados de poder de fogo defensivo superior em relação aos pelotões de infantaria americana. Em contra partida, estes últimos conseguiam maior mobilidade e desenvolviam elevado poder de fogo nos ataques. Todos os soldados americanos estavam armados com o fuzil semi-automático M-1, enquanto os alemães, ingleses e canadenses ainda estavam equipados com fuzis de ação por ferrolho.

Os tanques americanos *Sherman* não podiam fazer frente, em termos de artilharia, quando comparados com os veículos oponentes dos alemães. Porém eram superiores em velocidade, mobilidade, durabilidade e confiabilidade. Também superavam os alemães em termos quantitativos. Os *Shermans* não brilhavam em ações contra os tanques alemães *Mk IV*, *Panthers* e *Tigers*, principalmente nas sebes francesas, porém a criatividade e ingenuidade das tropas americanas conseguiram nivelar as diferenças nos campos de batalhas.

O pronto fornecimento de cortadores improvisados, confeccionados em forma de dentes em aço, afixados por soldas em posições bem baixas e a frente do casco dos tanques, demoliam as sebes com facilidade. Esta adaptação foi denominada de "arado Cullen" e muito contribuiu para neutralizar o poder defensivo oferecido pelas cercas. O impressionante foi que o "arado Cullen" foi idealizado por um jovem cabo, produzido e adaptado no campo. Nenhuma outra força na Normandia revelou ser tão receptiva para novidades inteligentes. As aberturas nas sebes resultaram numa verdadeira corrida atravessando a região de *Avranches* e pela França.

O que deu certo para a *Wermacht*? Os alemães contavam com alguns fatores positivos que apresentaram bons resultados, ou sejam:

Artilharia atirando em fogo direto: Um dos maiores choques táticos para as forças terrestres dos aliados foi a brutal eficácia da artilharia alemã atirando em fogo direto. Esta tática consistia em efetuar tiros diretos contra os alvos inimigos e disparados geralmente por canhões anti-tanques. Os alemães haviam aprimorado tais táticas na dura escola da frente leste, sendo que na Normandia eles foram capazes de aproveitar ao máximo as coberturas e as possibilidades de se ocultarem.

A infantaria na defensiva: A infantaria alemã era bem equipada com a metralhadora MG 42 para múltiplas aplicações e extremamente poderosas nas ações defensivas. Na Normandia, este poder foi multiplicado graças ao terreno.

Morteiros anti-tanques, lançadores de granadas contra tanques empregados pela infantaria alemã e ainda sistemas lançadores de foguetes empregados, pela primeira vez em números significativos foram fatores positivos.

Blindados na defensiva: A superioridade qualitativa dos tanques alemães em relação aos modelos britânicos e americanos foi outro grande choque para as forças aliadas. Nenhum tanque dos aliados podia superar um tanque alemão. O grande fator a favor dos aliados foi a inexistência de maiores quantidades dos tanques *Mk IV* e *Tigers*. Contudo, os alemães souberam explorar a superioridade qualitativa empregando tais tanques nas ações com determinação e habilidade e cobraram elevadas penalidades dos aliados.

O que não deu certo para os alemães: Os dois lados apresentavam deficiências ou escassez preocupantes, porém os alemães sofreram mais face ao desgaste imposto pelos aliados nas operações preparatórias para a invasão.

A *Luftwaffe*: A arma aérea alemã havia sido dizimada pela "*Grande Semana*" dos aliados nas campanhas de bombardeamento. Assim, a *Luftwaffe* estava incapacitada para fazer frente a superioridade aérea dos aliados na Normandia. Em consequência, o controle do espaço aéreo sobre as praias não podia ser contestado, resultando em profundos efeitos nas campanhas do *Dia D* e da Normandia. Ironicamente, a *Luftwaffe* possuía o melhor avião de reconhecimento do mundo, o bi motor a jato *Arado Ar 234*, porém fracassaram em usar os mesmos de forma eficaz.

Conseqüências possíveis da derrota da Alemanha: É inquestionável que a tenacidade dos defensores alemães resultou na maior duração da guerra. As forças aliadas no *Dia D* colocaram em andamento fatos que não apenas conduziram a Alemanha para a derrota, como também de como a mesma seria imposta, ou seja: uma questão de grande importância. Na hipótese de um fracasso da invasão no *Dia D*, uma possibilidade real e observada pelo próprio *Gen. Eisenhower*, a guerra certamente terminaria com o lançamento de uma bomba atômica no *Rur*.

Mesmo que os aliados do oeste tivessem sido irreduzíveis dos seus termos para uma rendição incondicional, a transferência do poder teria repousado sobre as mãos das autoridades nazistas. O quadro político resultante teria sido bem diferente daquele que prevaleceu. Na realidade, devido ao *Dia D* e a campanha da Normandia, a transferência da autoridade política foi se processando segundo critérios que seriam mais tarde as zonas americanas, inglesas, francesas e russas. A Alemanha foi ocupada de cidade em cidade a medida que os prefeitos hasteavam bandeiras brancas improvisadas nas respectivas prefeituras. Num enorme contraste em relação a Primeira Guerra Mundial não existiam dúvidas de quem havia vencido e como venceram.

Os militaristas da Alemanha haviam sido não apenas derrotados, como também haviam caído em total desagrado.



Prisioneiros alemães capturados em Nijmegen em 7 de julho de 1944 - U.S.Army photo

